Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Tavares, João António de Mendonça Vieira Lopes, 1991-

Recensão : "Era de revoluções : progresso e retrocesso de 1600 até aos nossos dias" de Fareed Zakaria

http://hdl.handle.net/11067/8290
https://doi.org/10.34628/b5xd-pg90

Metadados

Data de Publicação	2025
Editor	Universidade Lusíada Editora
Palavras Chave	Política internacional, Revoluções - História, Zakaria, Fareed, 1964- - Crítica e interpretação
Tipo	article
Revisão de Pares	yes
Coleções	[ULL-FCHS] LPIS, n. 31 (2026)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-30T03:40:24Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

RECENSÃO

João Tavares
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Doutorando em Relações Internacionais na Universidade Nova de Lisboa
a2022117390@campus.fcsh.unl.pt
0000-0002-3764-8797

Submetido em 3/07/2025 • Aprovado em 12/09/2025 • Publicado em 18/11/2025

ZAKARIA, Fareed (2024). *Era de revoluções: progresso e retrocesso de 1600 até aos nossos dias*. Lisboa: Gradiva

ZAKARIA, Fareed (2024). *Age of revolutions: progress and backlash from 1600 to the present*. London: *Penguin*

10.34628/B5XD-PG90

Resumo: A recensão do livro "Era de revoluções: processo e retrocesso de 1600 até aos nossos dias" de Fareed Zakaria, examina as forças que moldam o sistema internacional desde 1600. Zakaria argumenta que vivemos uma época revolucionária e que podemos aprender com revoluções passadas, defendendo a resistência ao radicalismo. O autor distingue entre "boas revoluções" (de baixo para cima, como as dos Países Baixos e Inglaterra, que foram orgânicas e bem-sucedidas) e "más revoluções" (de cima para baixo, como a Francesa, que impuseram mudanças de forma abrupta e geraram reação e instabilidade). A obra sublinha que o progresso radical é frequentemente seguido por retrocessos e nostalgia por uma era de ouro idealizada.

Palavras-chave: Política internacional | Revoluções - História | Zakaria, Fareed, 1964 - Crítica e interpretação.

Abstract: The review of Fareed Zakaria's book "Age of revolutions: progress and backlash from 1600 to the present" examines the forces that have shaped the international system since 1600. Zakaria argues that we are living in a revolutionary age and that we can learn from past revolutions, advocating resistance to radicalism. The author distinguishes between "good revolutions" (bottom-up, such as those in the Netherlands and England, which were organic and successful) and "bad revolutions" (top-down, such as the French Revolution, which imposed abrupt changes and generated reaction and instability). The work emphasizes that radical progress is often followed by setbacks and nostalgia for an idealized golden age.

Keywords: World politics | Revolutions - History | Zakaria, Fareed, 1964 - Critism and interpretation.

Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Ouriginal Texto submetido à plataforma de deteção de similaridade e plágio OURIGINAL.

Os textos que constituem esta obra seguem, por decisão do respetivo autor, a antiga ou a atual grafia.

O conteúdo desta obra é da exclusiva responsabilidade do seu autor e não vincula a Fundação Minerva | Universidade Lusíada.

Na sua mais recente monografia, Fareed Zakaria, jornalista e apresentador do programa *Fareed Zakaria GPS*[1], oferece ao leitor uma forma de mapear as forças que moldam as configurações do sistema internacional e estabelecer ligações e relações entre as revoluções históricas e as transformações consequentes, desde 1600 até aos dias de hoje.

Para onde quer que olhe, defende Zakaria, podemos observar o aparecimento de alterações dramáticas à nossa volta, o que leva o autor a defender, perante a destabilização da ordem internacional liberal baseada em regras, e a turbulência dos nossos tempos, que nós podemos tirar lições dos momentos revolucionários anteriores, uma vez que estamos a viver uma das épocas mais revolucionárias da História mundial, e o porquê de devermos optar por resistir ao radicalismo, num momento em que o consenso económico internacional favorável ao livre comércio da era pós-Guerra Fria está a ceder lugar ao protecionismo e ao agravamento da anarquia no sistema internacional.

O conceito de Revolução, como observa Zakaria, é um termo estranho, cujo problema se encontra embutido na própria palavra. De acordo com o autor, o termo Revolução foi originalmente empregue nas Ciências Naturais e Exatas para descrever o movimento orbital de um corpo celeste em torno de um eixo fixo, "o que sugere ordem, estabilidade e um padrão de movimento definido, que faz sempre regressar o objeto de volta à sua posição original" (Zakaria, 2024, p. 17). Contudo, pouco tempo depois, o termo Revolução passou a adquirir um outro significado, no qual se pretende que o termo Revolução passe a corresponder com uma rutura, o que torna tudo completamente diferente, sendo a Revolução Francesa (1789-1799) "o arquétipo do uso da palavra neste sentido" (*ibidem*). Como nota Zakaria (2024, p. 18), "os progressos radicais são normalmente seguidos de retrocessos, e do desejo nostálgico de regressarmos a uma idade de ouro passada, idealizada como simples, ordeira e pura", o que suscita desejos nostálgicos por parte dos seres humanos.

[1] https://edition.cnn.com/shows/fareed-zakaria-gps

Os modelos mais auspiciosos, sugere Zakaria, podem ser encontrados nos Países Baixos e em Inglaterra, do século XVI, no momento em que toda a Europa foi confrontada com uma série de choques económicos, tecnológicos e sociais, como consequência da globalização estimulada pela Era da Exploração, na qual as inovações que emergiram da guerra e da necessidade de expansão económica, e em reação à primeira revolução identitária personificada pelos protestantes que colocaram a autoridade da Igreja Católica Romana em causa.

Depois de a maior parte dos Países Baixos se ter livrado do domínio dos Habsburgos, em 1579, os holandeses formaram uma república que capitalizou estas mudanças. Por razões geográficas, estavam habituados a difundir a autoridade, devido à natureza descentralizadora do seu aparelho estatal. A necessidade de recuperar terras ao mar e a ação coletiva necessária para o fazer, explica Zakaria, garantiram que a centralização feudal nunca fosse capaz de se consolidar. O desenvolvimento tecnológico, sob a forma de moinhos de vento e diques, era uma necessidade para a sobrevivência, e a urbanização precoce proporcionou uma infraestrutura para a indústria e o comércio. A mudança cultural para o protestantismo encorajou o pensamento livre. As finanças foram democratizadas sob a forma da primeira bolsa de valores do mundo, e os dirigentes da república foram suficientemente sábios para se aliarem aos interesses comerciais do seu país. Ou seja, estavam divididos entre o dinamismo económico dos tecnocratas costeiros tolerantes e os impulsos atávicos das populações rurais mais conservadoras que tinham sido deixadas para trás pelos comerciantes e banqueiros liberais.

Desta forma, os Países Baixos podem ter sido precoces na liberalização, mas isso não significa que estivessem isentos daquilo que Zakaria descreve como a história familiar de reação, sintetizada num avanço rápido, deslocação e depois uma onda de memórias nostálgica evocadas de uma era de ouro perdida. A Idade de Ouro do país chegou ao fim em 1672, quando os franceses invadiram. Uma versão do liberalismo, sob a forma de um jovem Guilherme de Orange, sobreviveu, no entanto, e, dezasseis anos mais tarde, foi transportada através do Canal da Mancha para liderar uma monarquia constitucional. A Inglaterra, tal como os Países Baixos, estava preparada para fazer uma transição suave para uma situação liberal. O brilho da Revolução Inglesa residiu na colaboração das elites *Whig* e *Tory* do país numa fuga bipartidária da polarização perigosa e no seu acordo de que a prosperidade inglesa defina o interesse nacional, não a glória dinástica ou o zelo religioso.

Uma boa revolução, como nota o autor, não é iniciada por atores políticos. Ocorre quando surgem choques exógenos, sob a forma de tendências económicas ou tecnológicas, que são controlados por uma gestão competente. O liberalismo floresceu nos Países Baixos e em Inglaterra porque a revolução foi um processo de baixo para cima nestes países. Quando os dirigentes holandeses e ingleses consideraram adequado intervir no curso dos assuntos da sociedade, contentaram-se apenas em implementar, confirmar e codificar as transformações que já tinham ocorrido na sociedade, abaixo da superfície da política. Estas revoluções tiveram sucesso na medida em que eram pouco necessárias. Para o autor, uma boa revolução respeita os limites das forças naturais, enquanto uma má revolução ultrapassa os limites das forças naturais e acaba por provocar a reação necessária para manter o equilíbrio. O contraexemplo de Zakaria para os Países Baixos e para a Inglaterra é a França, cuja revolução foi um fracasso terrível, na medida em que as elites revolucionárias tentaram impor a modernidade e o iluminismo por decreto de cima para baixo a um país que estava em grande parte impreparado para tal. O reinado do Terror e a consolidação do poder sob Napoleão Bonaparte são a prova de que a mudança social deve ocorrer organicamente. A Revolução Francesa falhou porque as elites revolucionárias tentaram forçar uma mudança de cima para baixo, mas a Revolução Gloriosa refletiu de alguma forma uma sábia aquiescência aos processos de baixo para cima. As revoluções de 1848, por exemplo, podem ter sido esmagadas por sociedades atoladas na autocracia primordial, mas tudo o que esperavam promulgar foi quase invariavelmente adotado através de reformas graduais. A implicação é que aquilo que a vanguarda lutou para conseguir por decreto iria acontecer de qualquer maneira. Tudo o que tinham de fazer era ficar sentados, na perspetiva do autor.

A maioria das revoluções, num momento ou noutro, tiveram as suas credenciais revolucionárias desafiadas. A Revolução Americana é um exemplo recorrente. Num momento, parecia que muita coisa tinha mudado depois de 1776, em retrospetiva, muitas coisas permaneceram iguais. Alguns historiadores introduziram distinções adicionais sem introduzir maior clareza. O autor sugere que a luta dos colonos contra os britânicos foi qualificada como uma revolução política, mas não cumpriu os critérios para uma revolução social.

Contudo, isto é apenas uma reafirmação da observação de que o mesmo conjunto de episódios históricos pode, com igual probabilidade, ser descrito de um ponto de vista como contínuo e de outro como uma rutura. Este é o reflexo do mundo que vivemos hoje.

Referências

Fareed Zakaria GPS. https://edition.cnn.com/shows/fareed-zakaria-gps

Zakaria, F. (2024). Era de Revoluções - Progresso e retrocesso de 1600 até aos nossos dias. Lisboa: Gradiva